

**A obra de Burle Marx em Teresina: estudo de projeto paisagístico do Rio Poty Hotel.
1980**

Michele de Moraes Costa

Estudante de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Piauí – UFPI
Integrante do grupo de pesquisa Amigos do Patrimônio. UFPI/CNPQ
Rua 8, Vila Paris, 5970, Renascença 2, Teresina- PI. CEP: 64083-200
Telefones: (86) 32311201 e (86) 88437121. E-mail: micheledemoraes@hotmail.com

Nelcia Beatriz Fortes da Costa

Estudante de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Piauí – UFPI
Bolsista do grupo Modernidade Arquitetônica. UFPI/CNPQ
Rua Pedro de Vasconcelos, 1739. Bairro dos Noivos, Teresina-Piauí. CEP: 64.045-050.
Telefones: (86) 3233-9064 e (86) 8821-9064. E-mail: nelciabeatriz@hotmail.com

A obra de Burle Marx em Teresina: estudo do projeto paisagístico do Rio Poty Hotel. 1980

Resumo

No ano em que se comemora o centenário do nascimento do artista plástico e paisagista Roberto Burle Marx, nascido em São Paulo no dia 4 de agosto de 1909, este trabalho pretende resgatar e divulgar um de seus projetos realizados na cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí, até então, pouco difundido em congressos e publicações que tratem deste tema.

Em Teresina, há três projetos assinados por Burle Marx: o jardim do Palácio do Karnak (1972), os jardins do rio Poty Hotel (1983) e a Praça da Costa e Silva. O Palácio do Karnak é uma construção datada do final do século XIX, onde desde 1926 funciona a Sede Oficial do Governo da Província, e além do jardim, possui em seu acervo de arte, registros do paisagista como pintor e gravurista; o Rio Poty Hotel foi o primeiro hotel cinco estrelas da capital piauiense e referência de hospedagens e local para eventos nas décadas de 1980 e 1990; e a Praça da Costa e Silva, inaugurada na década de 1970, foi uma interferência em área alagadiça próxima ao rio Parnaíba (antiga Lagoa Palha de Arroz), e assim foi nomeada em homenagem ao grande poeta piauiense.

O objeto em estudo trata-se especificamente do projeto realizado para os jardins do Rio Poty Hotel. Esta obra, essencialmente Moderna, foi projetada pelo arquiteto pernambucano Ricardo Roque, entre o final da década de 70 e início da de 80, e inaugurada em 1983, apresentando predomínio da horizontalidade, por vezes quebrada pela composição rítmica da estrutura, modulação dos pilares enfatizada nas fachadas, jogo entre cheios e vazios, uso do concreto aparente e a dinamicidade do volume. Coube a Burle Marx realizar o projeto paisagístico do hotel, conforme será visto neste trabalho.

Para coletar informações sobre este projeto foram realizadas pesquisas em arquivos pessoais do arquiteto Ricardo Roque, realizando entrevistas, obtendo acesso às plantas de arquitetura e paisagismo do hotel, visitas à obra, registrando por meio de fotografias o conteúdo arquitetônico de relevância da mesma.

Nos projetos para Teresina, Burle Marx utilizou elementos característicos de seus trabalhos, como o despertar dos sentidos, através das texturas de vegetações e revestimentos, da variedade de espécies, dos desenhos de piso, dos espelhos d'água.

Porém, o que se percebe é um grande descaso, uma vez que os jardins estão bastante descaracterizados, recebendo manutenção precária e sendo alvo de vandalismo, contribuindo para a perda da memória dos traços de arquitetura moderna existentes na cidade.

Dessa forma, resgatar os traços paisagísticos de Burle Marx em Teresina é não deixar se perder memórias arquitetônicas e paisagísticas tão importantes sócio-culturalmente.

Palavras-chaves: paisagismo, modernidade, Teresina.

Abstract

In the year that celebrates the centenary of Roberto Burle Marx's birth, Brazilian plastic artist and landscape gardener that was born in São Paulo on August 4 of 1909, this work aims to rescue and publish one of his projects performed in the city of Teresina, State capital of Piauí, until then, not much widespread in congresses and publications that deal with this issue.

In Teresina, there are three projects signed by Burle Marx: the garden of Palácio do Karnak (1972), the gardens of Rio Poty Hotel (1983) and Da Costa e Silva Square. Palácio do Karnak is a construction date to the end of nineteenth century, where, since 1926, works as the Official Seat of the Government of the province, and beyond the garden, it has in its collection of art, records of the landscape gardener as a painter and engravings; Rio Poty Hotel was the first five stars hotel in the capital of Piauí and reference of accommodation and local for events in the 1980s and 1990s; and Da Costa e Silva Square, inaugurated in the 1970s, was an interference in marshy area, near Parnaiba River (former Palha de Arroz Lake), and thus was named in honor of the great poet from Piauí.

The object under study is specifically the project of the Rio Poty Hotel's gardens. This work of architecture, essentially modern, was designed by an architect from the state of pernambuco, Ricardo Roque, between the end of 1970s and early 1980s, and opened in 1983, presenting predominance of horizontal elements, sometimes broken by the structure's rhythmic composition, modulation of the pillars emphasized in facades, game between filled and empty, use of the apparent concrete and a dynamic volume. Burle Marx had to complete the landscape design of the hotel, as will be seen in this work.

Researches were made in personal files of the architect Ricardo Roque to collect information for this project, conducting interviews, getting access to architecture's and landscaping plants of the hotel, visits to building, recording through photographs the architectural relevant contents of it.

In projects for Teresina, Burle Marx used elements characteristic of his works, as the awakening of consciousness through the textures of vegetation and coverings, the variety of species, the floor drawings, and mirrors of water.

However, what is clear is a great negligence, since the gardens are quite a lot decharacterized, and have received precarious maintenance and have been target of vandalism, contributing to the loss of the memory of modern architecture traces in the city. Thus, rescue the landscape created by Burle Marx in Teresina is not permitting the citizens to lose architectural and landscape memories so important socio-culturally.

Keywords: landscape, modern movement, Teresina.

A obra de Burle Marx em Teresina: estudo do projeto paisagístico do Rio Poty Hotel. 1980

Este trabalho tem como objetivo a análise do edifício do Rio Poty hotel (1987), projetado pelo arquiteto Ricardo Roque, e seu projeto paisagístico, realizado por Roberto Burle Marx.

O trabalho destaca-se pelo estudo aprofundado do jardim do Hotel Rio Poty e sua relação com a obra arquitetônica, ressaltando a importância do edifício por ser um exemplar da arquitetura moderna na cidade e por conter um belo jardim tropical, uma das três obras realizadas pelo renomado paisagista Burle Marx em Teresina.

O processo de análise considerou o contexto histórico e social, aspectos da paisagem urbana, a racionalização do projeto arquitetônico, a importância das áreas verdes, a adaptação do projeto paisagístico ao edifício e à cidade. Para a análise, foram coletados dados no Arquivo Público da cidade, IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e em arquivos privados. Foram realizadas entrevistas, visitas ao local e levantamento de material fotográfico. A procura por registros mostrou a carência de documentos históricos sobre a construção dos espaços públicos e privados da cidade.

A metodologia utilizada é a mesma do grupo de Pesquisa “Modernidade Arquitetônica”, orientado pela Arquiteta, Professora Doutora em Projetos Arquitetônicos pela ETSAB/ UPC, Alcilia Afonso de Albuquerque Costa, que segue os métodos do departamento de projetos arquitetônicos da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona, ETSAB/ UPC da linha “la forma moderna”.

O Meio e a Paisagem

Teresina foi fundada em 1822 e se tornou capital do estado do Piauí no ano de 1856. Situada entre dois rios, a cidade era povoada inicialmente por pescadores e populações ribeirinhas. Atualmente, encontra-se em fase de crescimento, ocupando, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), um território de área igual a 1.679,8 Km² e apresentando uma população de 793.915 habitantes.

A uma altitude média de 72 metros, cidade está localizada no centro-norte do Piauí a 336 quilômetros do mar. Quanto à temperatura média, esta é igual a 28°C, com mínima de 22° e máxima podendo atingir até 42°. A umidade relativa do ar é elevada durante a maior parte do ano, chegando a causar desconforto nos períodos mais quentes (de setembro a dezembro). A precipitação pluviométrica anual é de aproximadamente 1.500mm, e não distribuída uniformemente, havendo um período chuvoso e outro seco.

Desse modo, é possível afirmar que é de fundamental importância a existência de áreas verdes para a qualidade de vida da população local. A vegetação, em conjunto com as áreas permeáveis, é responsável pela criação de ambientes agradáveis, capazes de atenuar o calor, além de

constituir espaços agradáveis aos olhos dos passantes, tornando o ato de caminhar mais interessante.

O que se observa atualmente em Teresina, em seu processo de crescimento, é a devastação dos espaços naturais cobertos com vegetação nativa e a construção de empreendimentos que reservam em seu terreno pouca ou nenhuma área permeável. Contudo, os espaços verdes da cidade ainda estão em sua maioria nos remanescentes quintais particulares de casas de classe média e alta, que apresentam dimensões suficientes para o plantio e desenvolvimento das espécies. Já as áreas verdes públicas são representadas pelas praças, em geral de pequenas dimensões, pelos poucos parques ambientais com manutenção precária, e pelos canteiros centrais das avenidas.

Culturalmente, as árvores funcionam como abrigos temporários ou como verdadeiros corredores sombreados por onde se desloca de centenas a milhares de pessoas, dependendo da região da cidade. A população está sempre procurando se esquivar do sol e do calor, permanecendo sob a copa das árvores seja para trabalhar (no caso dos vendedores ambulantes), seja para passar o tempo ou para realizar eventos. Assim, faz parte da paisagem urbana de Teresina o desenrolar da vida ao longo dos trechos arborizados.

O caso do projeto a ser estudado é o de um jardim de proporções consideráveis em relação ao bairro em que se encontra. O Rio Poty Hotel se encontra em meio a uma zona povoada de edifícios residenciais com escassas áreas permeáveis e verdes. Então, este projeto se torna um elemento em destaque, tanto por sua arquitetura singular, que prioriza a horizontalidade, como por seu exuberante jardim, que, projetado por Burle Marx, tem o intuito de oferecer uma área de lazer confortável e bela aos hóspedes e visitantes.

Ricardo Roque

Ricardo José Roque Baracho, filho de Otacílio Roque e de Evandy Roque, nasceu no dia 9 de março em 1948 em Goiana, Pernambuco. Por se tratar de uma cidade com rico acervo cultural, Ricardo conviveu desde cedo com uma arquitetura colonial e barroca, com forte influência holandesa. Cresceu desenhando as fachadas de grandes igrejas, e gostava de subir nos campanários para admirar a cidade. Alfabetizou-se em um colégio de freiras francesas, e freqüentava desde menino a Biblioteca Convento do Carmo construída pelos holandeses.

Em 1974, Ricardo Roque concluiu seu curso de arquitetura na Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Teve uma vida estudantil conturbada, visto que desde os primeiros anos de faculdade já desenvolvia projetos, atrasando seu curso em um ano. Seu primeiro projeto foi uma casa em Vitória de Santo Antônio, que não pôde ser assinada pelo mesmo por ser ainda estudante.

O seu primeiro projeto em Teresina foram 13 (treze) casas nas proximidades do Banco do Brasil localizadas na Avenida Kennedy, no bairro Jockey. A partir de então, Ricardo se tornou o

responsável por uma grande revolução na capital na década de 70, com a construção do primeiro edifício de apartamento residencial, “*Marquês de Paranaguá*”. Logo em seguida, veio o apartamento “*Raimundo Portela*”. Ainda nesse período, por volta de 1978, projetou o “*Rio Poty Hotel*”, como também, anos mais tarde, suas filias em Luis Correia-PI e São Luís-MA.

Quanto ao seu modo de projetar, tira partido de conceitos adotados pela Bauhauss, pelo Brutalismo e pela Arquitetura Japonesa. Além disso, utiliza em sua arquitetura preceitos da escola de Recife e da arquitetura moderna no Brasil, devido à influência direta de seus professores e mestres: Reginaldo Esteves, Frank Svenson, Glauco Campelo, Armando Holanda, Acácio Borsoi, Delfim Amorim.

Sobre sua produção arquitetônica, inicialmente, se enquadrava como arquiteto moderno, utilizando princípios e influências nacionais e internacionais do movimento em seus projetos. Nessa época, ele trabalhou em sua construtora (SEI – Sociedade de Empreendimentos Imobiliários) juntamente com os arquitetos Paulo Aciolli, Geraldo Magela e Max Luternini. Hoje em dia, atua como professor em uma faculdade de arquitetura e produz uma arquitetura contemporânea de excelente qualidade, adotando critérios de conforto ambiental e de emprego de materiais adequados para cada tipo de empreendimento.

Rio Poty Hotel

O projeto do Rio Poty Hotel foi elaborado pelo arquiteto Ricardo Roque a pedido da família Tajra em um terreno de localização privilegiada na capital piauiense: em frente ao rio Poti, na Avenida Marechal Castelo Branco, próximo do centro e com facilidade de acesso às vias que levam a diversos pontos da cidade (Figura 1). A concepção do projeto data de janeiro de 1983, sendo um dos primeiros exemplares do processo de verticalização da cidade que iniciou em 1970.

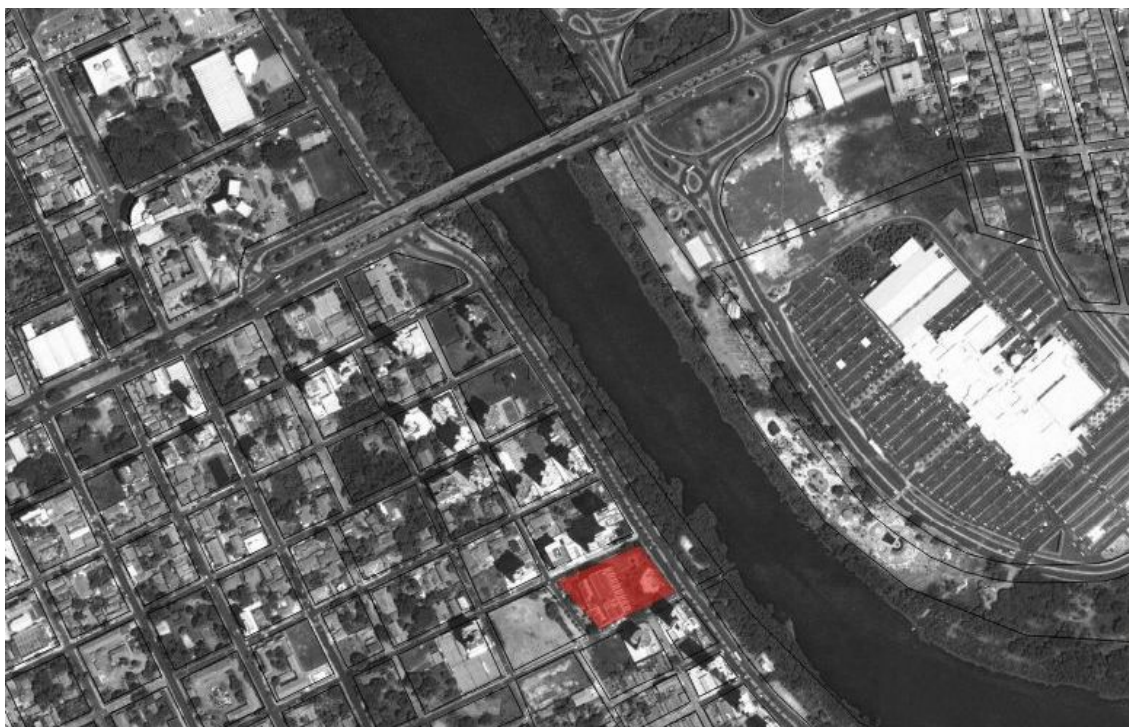


Figura 1: Localização do Rio Poty Hotel. FONTE: GOOGLE Earth, 2009.

Na década de 1970, a capital passa por um crescimento demográfico acelerado devido à fluxos migratórios e cria novos aspectos na sua configuração urbana devido à intensificação da política habitacional e a modernização do sistema viário. Nessa mesma época, o governo do estado passa a investir maciçamente em infra-estrutura na região próxima ao rio Poti, e constrói as Avenidas Barão de Castelo Branco e Marechal Castelo Branco. Em 1987 terminam as obras do Rio Poty Hotel, o primeiro hotel 5 estrelas da cidade. A implantação do hotel valorizou o entorno e atraiu novos investimentos imobiliários para a região.

O hotel foi referência em hospedagens nas décadas de 1980 e 1990, passando por suas instalações grandes nomes das artes, da política e dos negócios. Também em suas dependências foram realizados os maiores eventos da capital, visto que detém de áreas internas e externas bastante amplas.

Com o passar do tempo, o entorno foi se verticalizando; pois a princípio era composto por terrenos vazios e casas. Ao analisar as construções vizinhas, percebe-se um contraste estilístico entre os edifícios residenciais (obedecendo a princípios da Contemporaneidade: emprego do vidro nas fachadas, mistura de elementos clássicos, ecléticos e modernos) e o hotel (essencialmente Moderno, de linguagem influenciada pelo Brutalismo).

Com relação ao terreno, o edifício possui grande recuo na poção leste, onde se concentram as áreas de lazer. Os recuos laterais são bem menores, com aproximadamente dez metros. Na fachada leste, o arquiteto tira partido das varandas e da vista privilegiada do rio Poti, além de deixar nítida a função do edifício: hotel. Na fachada oeste, o acesso social é caracterizado pela presença de marquise em balanço e por uma varanda que dá acesso ao primeiro pavimento a partir de uma escada externa. As demais fachadas, norte e sul, são cegas.

O Rio Poty é considerado o maior Centro de Convenções do estado do Piauí, possuindo 11 salões climatizados e uma excelente infra-estrutura áudio-visual, além de ampla área para congressos, feiras, convenções, banquetes e coquetéis. Internamente, o programa foi organizado de modo a não haver conflitos entre os fluxos, o que é solucionado através do uso de vários elementos de circulação vertical.

A solução estrutural adotada, configuração em "A" de pilares e vigas aparentes permitiu a consumação da volumetria idealizada (piramidal), o que tornou possível ao mesmo tempo, a configuração dos quartos (escalonados), causando impacto estético tanto interiormente (átrio) como exteriormente (Figura 2). Já quanto à solução climática, criou-se um átrio para ventilação a partir do uso de pé direito elevado e elementos vazados (combogó de vidro). Além disso, os grandes beirais (marquises em balanço) oferecem proteção/sombreamento para as áreas de convivência.



Figura 2: Rio Poty Hotel. FONTE: Foto de Nelcia Fortes, 2008.

O hotel conforma uma arquitetura que apesar de ter sido projetada há mais de 25 anos continua contemporânea, devido a fatores como o emprego de materiais e técnicas construtivas adequados ao clima, proporcionando conforto ambiental.

Roberto Burle Marx

Roberto Burle Marx nasceu em 4 de agosto de 1909 em São Paulo. O pai, Wilhem Marx, veio da Alemanha para o Brasil em 1895. A mãe, Cecília Burle, era pernambucana. Ele possuía cinco irmãos.

Em 1914 a família transfere-se para o Rio de Janeiro e passam a residir numa chácara no Leme, onde Roberto cuida de um pequeno canteiro e monta seu próprio ateliê. Essas primeiras experiências com a jardinagem foram incentivadas pela mãe, que cuidava do jardim da casa; e também pelo pai, assinante de revistas de jardinagem. Nessa época, o artista conhece Lúcio Costa, seu vizinho; e iniciam uma relação que se estenderá pelo resto da vida. Roberto vivia num ambiente de interesse pela música e estudava canto com a mãe.

Necessitando de tratamento na vista, Roberto viaja com a família para a Alemanha, em 1928. Em Berlim aperfeiçoa sua voz de barítono, estuda desenho e pintura, e visita exposições onde toma contato com as obras de Van Gogh, Matisse, Cézanne, Braque, Klee e Picasso.

Em 1929 retorna ao Brasil e em 1930 matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. A princípio, deseja seguir arquitetura; mas aconselhado pelo então diretor da escola, Lúcio Costa, inscreve-se no curso de pintura. Nessa época, conhece Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Jorge Machado Moreira, Marcelo e Milton Roberto, todos estudantes de arquitetura. Também convive com outros intelectuais e artistas no meio acadêmico, cultural e social como Leo

Purtz, Celso Antônio, Pedro Correia de Araújo, Portinari, Aníbal Machado, Murilo Mendes, José Lins do Rego, entre outros.

Realiza seu primeiro jardim em 1932, para a família Alfredo Schwartz, a convite de Lúcio Costa. Em 1933, novamente a convite de Lúcio Costa, realiza um jardim para a residência Ronan Borges.

Devido á repercussão desses seus projetos iniciais, em 1934, é convidado para exercer a função de Diretor de Parques e Jardins em Recife. Nessa ocasião, a imprensa registra que Roberto desejava “sobretudo, livrar os jardins do cunho europeu sempre seguido entre nós. Também temos que fugir à feição romântica, uma vez que o jardim acompanha o progresso da humanidade”.

Em 1938, já de volta ao Rio de Janeiro, projeta os jardins do Ministério da Educação e Saúde, ligando-se à equipe de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Carlos Leão e Ernani Vasconcelos. A década de 40 marca a integração do projeto paisagístico de Burle Marx ao movimento de arquitetura moderna no país e o início da notoriedade de seu trabalho no exterior. Nesse período, realiza inúmeros jardins; dentre eles, a Praça Salgado Filho (RJ), o Aeroporto Santos Dumont (RJ), o complexo da Pampulha (MG) e Burton Tremain (Califórnia). Adquire, em 1949, o Sítio Santo Antônio da Bica em Campo Grande-RJ; lugar com espaço suficiente (800.000 m²) e adequado para abrigar sua crescente coleção de espécies.

Das décadas de 1950 e 1960 datam a intensificação do trabalho do paisagista, a publicação dos seus jardins em diversas revistas, exposições e conferências internacionais e a primeira premiação, na Exposição Internacional de Arquitetura da II Bienal de São Paulo em 1953, pela residência Odette Monteiro. São dessa época o jardim para o Labor Temple Planting Projects (Califórnia) e o Conjunto do Aterro do Flamengo (Rio de Janeiro).

Os anos seguintes de 1970 são marcados pela atuação ecológica e paisagística. É cada vez mais requisitado como palestrante e escolhe quase sempre como tema as relações entre paisagismo, ecologia e estrutura urbana.

Próximo dos seus oitenta anos, sua rotina permanece a mesma entre seu viveiro de plantas e o trabalho no escritório. Em 4 de junho de 1994 ele falece, meses depois de ter o estado de saúde agravado após uma cirurgia para retirada do baço.

O paisagismo do Rio Poty Hotel

Segundo entrevista realizada com o arquiteto Ricardo Roque, o contato entre ele e Burle Marx se deu através de amigos em comum, como Janete Costa e Borsoi. Ele resolveu escolher este profissional renomado para projetar o paisagismo do hotel com o objetivo de transformá-lo num marco, numa atração turística.

Para tanto, ao terminar a etapa de anteprojeto, recebeu a visita Haruyoshi Ono, amigo e companheiro de trabalho de Burle Marx, atual diretor do escritório, para que fossem acertados

alguns detalhes de projeto. Ricardo não fez muitas exigências, apenas marcou o local da piscina e do pavilhão, que tiveram seus desenhos originais modificados por Burle Marx, e pediu para que usassem bastantes espelhos d'água na composição. Desse modo, foram propostas fontes tanto na parte interna, nas áreas não climatizadas, como nas áreas externas, contribuindo para a melhora da sensação térmica.

No que diz respeito à escolha das espécies vegetais utilizadas, esta ficou, segundo Ricardo Roque, totalmente a critério dos paisagistas. Como profundo conhecedor das espécies ornamentais nativas da flora brasileira, Burle Marx utilizou no projeto aquelas que melhores se adaptam às condições climáticas locais, outras comumente utilizadas em seus projetos como o mulungu (*Erythrina mulungu*) e o abricó de macaco (*Couropita guianensis*) e também espécies típicas da região como a carnaúba (*Copernicia cerifera*) e a ixora (*Ixora coccinea*).

O traçado do projeto apresenta linhas contemporâneas misturando retas e curvas, constituindo um espaço ora geométrico e ora orgânico. O desenho abstrato e com formas predominantemente irregulares, aliado a presença primordial da vegetação, forma espaços imprevisíveis e com vários recantos agradáveis. O jardim é muito exuberante e há a riqueza visual entre diferentes espécies, formas e materiais em todos os locais, de tal forma que não se pode considerar um ponto focal no paisagismo (Figura 3).



Figura 3: Variedade no emprego de materiais e espécies vegetais.
FONTE: Foto de Michele de Moraes, 2009.

O projeto se organiza, basicamente, em quatro espaços: canteiros da entrada do edifício, canteiros nos recuos laterais, jardim contornando a piscina, e área do pergolado. Burle Marx teve a sensibilidade necessária na escolha de espécies e tipologia de pisos para cada área de acordo com o uso. Na parte leste do terreno está a área de lazer com a piscina, esta se relaciona com os elementos vegetais suspensos e “flutuantes” em jardineiras e também com ixoras (*Ixora coccinea*) que delimitam seu perímetro juntamente com um banco em concreto que contorna toda a área

(Figura 4). Nessa mesma porção do terreno, fica um pergolado e uma fonte, espaço projetado para ser uma área de convivência ao ar livre, devido à presença de uma mesa circular em concreto.



Figura 4: Composição volumétrica da área da piscina.
FONTE: Foto de Nelcia Fortes, 2008.

Nota-se a integração física entre o edifício e o jardim através de canteiros posicionados na parte inferior dos pilares e que se espalham pelo terreno. O paisagista trabalhou as escalas com plantas predominantemente verticais como mulungu (*Erythrina mulungu*), coqueiro (*Cocos nucifera*), carnaúba (*Copernicia cerifera*) em contraste com outras de porte menor como coromandel (*Asystasia coromandeliana*) e imbé (*Philodendron bipinnatifidum*). Faz uso da variedade das texturas e cores na escolha das forrações, utilizando grama esmeralda e plantas de pequeno porte como a Quaresmeira (*Schizocentron elegans*).

O desenho do piso orienta o pedestre e harmoniza-se com a paisagem. Encontram-se no paisagismo do hotel, cinco tipos diferentes de piso que fazem composições de texturas e coloração: Pedra Portuguesa, Pedra de Piracuruca, Pedra São Tomé, blocos de concreto e placas de concreto. A pedra de Piracuruca realiza o diálogo entre o jardim e o edifício em composição com detalhes em pedra portuguesa. A Pedra São Tomé é utilizada nas proximidades da piscina. As placas de concreto, colocadas sobre a grama, fazem a interligação entre diversos recantos e os blocos de concreto formam um círculo delimitando uma área de convivência próxima do pergolado. Observa-se a presença repetitiva de desenhos trapezoidais, que remetem à forma plástica do Hotel, em detalhes do piso em pedra portuguesa e no painel na fachada de acesso ao edifício (Figura 5).

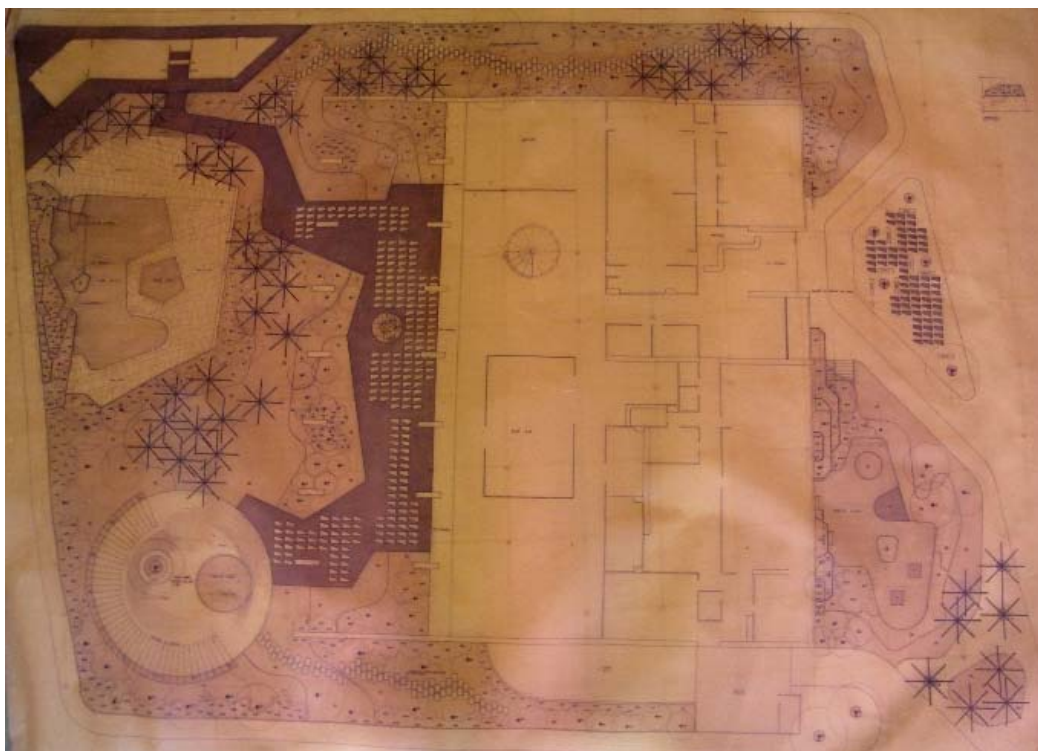


Figura 5: Plata de paisagismo. Desenhos que remetem às formas do hotel.
FONTE: Arquivo pessoal de Ricardo Roque. 2008.

O espelho d'água presente no acesso ao edifício, com duas vitórias-régias e fontes que jorravam água, foi substituído por canteiros. Muitos espaços estão descaracterizados e percebe-se a presença de espécies diferentes das especificações do projeto. É possível observar que o projeto não foi seguido à risca e que algumas espécies deixaram de ser plantadas, enquanto que em outros locais podem ter sido substituídas com o passar dos anos.

Conclusão

A exuberância do jardim integra-se à paisagem do entorno e enriquece a vista para o rio. O projeto paisagístico de Burle Marx completa o objeto arquitetônico e o torna mais belo. Os locais de lazer ultrapassam a funcionalidade e evocam espaços contemplativos que convidam o usuário a interagir. Os canteiros de desenhos irregulares e formas abstratas harmonizam-se com os traços modernistas do projeto de Ricardo Roque.

O acesso aos projetos originais permitiu a descoberta da riqueza da proposta de Burle Marx. Devido à importância do projeto para a arquitetura moderna da cidade de Teresina, seria essencial o reconhecimento da obra como um jardim histórico, com conseqüente restauração e tombamento pelos órgãos competentes.

Referências

ADRIÃO NETO. **Geografia e História do Piauí para estudantes**: da pré-história a atualidade. Teresina, 2002.

CARNEIRO, A. R. S.; SILVA, A. F.; MAFRA, F. **Restaurando o jardim moderno de Burle Marx: a Praça Farias Neves no Recife – PE**. Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

DIAS, R. **A verticalização em Teresina**. Cadernos de Teresina, Teresina, ano 15, n. 35, mar. 2003.

Estimativas das Populações Residentes, em 1º de Julho de 2008, Segundo os Municípios. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008_DOU.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2009.

MOTTA, F. L. **Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1986.

NICOLL, M.; LEMLE, M. **Estudo alerta para abandono de jardins de Burle Marx**. Disponível em: <http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?ob_id=2067>. Acesso em: 18 mai. 2009.

SIQUEIRA, V. B. **Burle Marx**. 2. ed. São Paulo: Cosacnaify espaços a arte brasileira, 2004.

TEIXEIRA, M. S. **A preservação do verde na zona urbana de Teresina-Pi**. Disponível em: <http://www.ufpi.br/mestambiente/visualizar.php?pg=2004&pgid=9&parte=exibir_submenu>. Acesso em: 26 mai. 2009.

TERESINA. Disponível em: <<http://www.culturadopiauí.vilabol.uol.com.br/teresina.htm>>. Acesso em: 19 mai. 2009.

VIANA, B. A. S. **O sentido da cidade: entre a evolução urbana e o processo de verticalização**. V. 23, n. 1, 2005.